

VOANDO BAIXO SOBRE HUMANOS: GARÇAS E URUBUS NA PEDRA DO PEIXE, NO VER-O-PESO (PA)¹

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA)²
Matheus Henrique Pereira da Silva (UFPA)³
Raphael Santos das Mercês (UFPA)⁴

No complexo do Ver-o-Peso (PA), mais especificamente na Pedra do Peixe, as manhãs são marcadas por intensos fluxos interacionais envolvendo humanos (trabalhadores diversos, comerciantes, compradores, transeuntes, turistas, entre outros) e alguns representantes da avifauna urbana, os urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e as garças-brancas-grandes (*Ardea alba*), que estabelecem complexas relações ecológicas e interespecíficas no contexto citadino. A partir da pesquisa etnográfica, problematizamos as diversas formas de socialidades interespecíficas que ocorrem no local entre os agentes humanos e não-humanos.

Palavras-chaves: Ver-o-Peso; Humanos; Avifauna; Socialidades interespecíficas; Amazônia.

En el complejo de Ver-o-Peso (PA), particularmente en la Pedra do Peixe, las mañanas son marcadas por intensos flujos de interacciones que involucran humanos (diferentes trabajadores, vendedores, compradores, peatones, turistas, entre otros) y algunos

¹Algumas ideias aqui presentes foram brevemente discutidas e apresentadas na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia em João Pessoa, em agosto de 2016, no GT Antropologia das relações humano-animal.

²Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: flabreu@ufpa.br

³Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: matheusk11@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: raphaelmerces@gmail.com

**Voando baixo sobre humanos:
Garcês e urubus na Pedra do Peixe,
No Ver-o- Peso (PA)
Flávio Leonel Abreu da Silveira
Matheus Henrique Pereira da Silva
Raphael Santos das Mercês**



representantes de la avifauna urbana, los gallinazos de cabeza negra (*coragyps atratus*) y las garzas blancas grandes (*Ardea alba*), quienes establecen complejas relaciones ecológicas e interespecíficas en el contexto de la ciudad. Partiendo de una investigación etnográfica, problematizamos las diferentes formas de relaciones interespecífica que suceden en el lugar entre los agentes humanos y no humanos.

Palabras claves: Ver-o-peso; Humanos; Avifauna; Relaciones interespecíficas; Amazonia.

In the complex of Ver-o-Peso (PA) and, more specifically, in Pedra dos Peixes, the mornings are marked by intense interactional flows involving humans (a variety of workers, traders, buyers, passersby, tourists and others) and the local urban avifauna, such as the Black Vulture (*Coragyps atratus*) and the Great White Egret (*Ardea alba*), which establishes complex interspecific and ecological relationships in the urban context. Through a ethnographic research, we problematize a diverse series of interspecific socialities that occurs between human and non-human agents involved in that context.

Key-Words: Ver-o-Peso, Humans, avifauna, interspecific socialities, Amazon.

1 – Humanos e a avifauna nas paisagens da Pedra do Peixe, no Ver-o-Peso (PA)

Belém do Pará porto moderno integrado na
equatorial
Beleza eterna da paisagem
Bembelelém
Viva Belém!
Manuel Bandeira, Belém do Pará, In:
Antologia poética 12 ed. Rio de Janeiro, Nova
fronteira, 2001.

Com as asas abertas, o urubu plana
majestosamente sobre o mundo, levado apenas
pelas correntes de ar. O urubunão se opõe a nada.
Apenas se deixa levar. Risca com uma leve linha
negra o azul do céu, para acentuar a leveza e a
imensidão do espaço. Esparramada abaixo, a
cidade faz o
movimento contrário.
Rodrigo Neves, “O urubu e a cidade”. In: A
calma dos dias. São Paulo: Companhia das Letras,
pag. 21, 2014.

As atividades de comércio e de abastecimento do Complexo do Ver-o-Peso se iniciam no período da madrugada, por volta das duas horas, estendendo a rede de circulação de diversos produtos, bem como de sujeitos, com suas práticas e saberes, ao longo de todo o dia. Tais agentes exercem as mais variadas atividades laborais e de sociabilidade mobilizadas por distintas formas de frequência do espaço urbano, formas

estas que apresentam relações com o mundo rural, como apontam os estudos de Lima (2008) e Leitão (2011).

A observação das paisagens que se situam entre o Complexo do Ver-o-Peso e o perímetro do Centro Histórico de Belém (PA), com seus diferentes espaços, como é o caso da Pedra do Peixe, da Praça do Relógio, da Feira do Açaí, até os caminhos e descaminhos que se estendem no entorno da Igreja de Santo Alexandre, demonstra que em tais lugares se sucedem contatos e relações sociais que colocam em interação humanos e a avifauna nativa, mais especificamente urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e garças-brancas-grandes (*Ardea alba*). Nota-se que tais espécies, nas tramas do voo que alçam sobre os humanos, tecem socialidades diversas que implicam formas interacionais relativas ao compartilhamento de espaços entre si e com as pessoas, ao comensalismo diário, ao mutualismo com os humanos, dentre outras relações. Portanto, trata-se de formas muito peculiares de interações ecológicas que aproximam nichos tróficos e espaciais no âmbito de uma ecologia urbana no contexto da metrópole amazônica.

Em seus (sobre)voos, pousos e enfrentamentos, estabelecem-se jogos de

proximidade e de distanciamento que vivificam formas de sociação (Simmel, 1983) e relações de proxemia⁵ (Hall, 1977) entre a avifauna e as pessoas que praticam o Mercado do Peixe (Certeau, 1998), ambas envoltas em sutis e complexas relações ecológicas cujo desdobramento se dá na eliminação de detritos orgânicos considerados como lixo pelos trabalhadores locais, repercutindo em impactos na dinâmica das paisagens que constituem a área urbana referida, altamente utilizada por humanos e animais não-humanos⁶.

Nestes termos, tais interações ecantropológicas estão associadas ao compartilhamento de alimentos, visto que diariamente as aves recebem porções/pedaços/resíduos de peixes, sobretudo por parte dos encarregados da

evisceração desses animais, sendo esses episódios associados à “eliminação” de matéria orgânica, que serve de alimentação aos urubus e às garças cotidianamente. Temos, assim, um tipo de mutualismo que associa dinâmicas urbanas do vivo à conservação da biodiversidade, em aliança com engajamentos vinculados ao meio líquido e à flora presentes na urbe amazônica.

A partir de uma etnografia em curso⁷ na cidade, buscamos problematizar o emaranhado de interações tensionais ou não entre os agentes aqui descritos, considerando as suas zonas de contato e de povoamento rotineiro dos lugares desde as configurações de dinâmicas ecológicas urbanas. Tais socialidades interespecíficas indicam aspectos relevantes acerca da presença do biodiverso na urbe – a exemplo da alimentação das aves baseada nos detritos orgânicos descartados por humanos, depositados nas lixeiras e/ou atirados nas águas, indicando, assim, a sua relevância na atração e na manutenção da presença

⁵O tema da proxemia humanimal é extremamente complexo e tomamos a liberdade neste artigo de apenas mencioná-la, pois trata-se de questão a ser cotejada em artigo que está em processo de elaboração pelos autores, portanto, são reflexões em andamento que aparecerão em publicação vindoura.

⁶Aqui é preciso incluir a presença de ratos (*Rattus rattus*), de pombos-domésticos (*Columba livia*), além de cães (*Canis lupus familiaris*) e de gatos (*Felis silvestres catus*) errantes, ou em situação de rua, ou ainda, mais ou menos domesticados pelos trabalhadores locais, onde deambulam e disputam alimentação. Não menos oportunistas são os bente-vis (*Pitangus sulphuratus*). A presença de ocasionais gaivotas (*Larus*) e de andorinhas do mar (*Sterna*) sobrevoando a área não é rara.

⁷Trata-se do projeto de pesquisa de Bolsa de Produtividade, financiado pelo CNPq, denominado “Etnografia das interações humanas e não-humanas em diferentes espaços praticados de Belém (PA): o caso dos comunal roosting de três espécies da avifauna amazônica no mundo urbano contemporâneo como formas sociais interespecíficas”, coordenado pelo Dr. Flávio Silveira (UFPA).

desses animais. Esses aspectos são iminentes à composição de *habitats* frente à dinâmica populacional referida aos seus movimentos sazonais pelo local onde realizamos a etnografia. Trata-se de considerar as possibilidades de coexistência humanimal, as práticas e atitudes humanas em direção às aves que contribuem diretamente para sua permanência, duração e proliferação nas paisagens urbanas.

Sendo assim, o que descompraz nossos sentidos, no entanto, é o que atrai os bandos de urubus-de-cabeça-preta, de garças-brancas-grande e outros animais que de alguma maneira percebem que podem se beneficiar das dinâmicas sociais humanas presentes naquele espaço, de forma a exercerem um comensalismo que é também um mutualismo com os humanos, que dura nas paisagens belenenses – basta ver a iconografia produzida nos três últimos séculos sobre a cidade, onde se destaca a presença conspícua dos urubus nas paisagens, por exemplo⁸.

Ademais, atentamos à formação de *comunal roostings*⁹ nas copas das árvores

⁸Aqui apenas mencionamos a questão que será motivo de outro artigo já em andamento.

⁹O tema dos *comunal roostings* é outra questão complexa no mundo urbano belenense. Se, para o caso da Praça Batista Campos, observamos a presença de grupos de *Ardea alba* nidificando nas

da praça D. Pedro II, bem como a alguns aspectos que indicam os fatores relacionados à seleção do lugar e de sua formação nas paisagens: o que permite além do repouso/descanso das aves, a possibilidade de sua termorregulação e até mesmo a facilidade de voo no início da manhã em direção à Pedra do Peixe, dada a proximidade de ambos os espaços com o Complexo Patrimonial da Feliz Lusitânia. A oferta de água seja nas valas de esgoto a céu aberto ou às margens da baía, também contribui para a permanência das aves no local. Portanto, consideramos os agenciamentos relativos às territorialidades humanimais com as águas, as diversas formas de resíduos, a presença de lixo, questões em torno da higiene (e da sua ausência), os usos do corpo, o convívio com animais não-humanos outros, e assim por diante.

As dinâmicas intensivas da avifauna naquele contexto realizam-se adjacentes/conexas às atividades humanas, assim como às práticas de navegação, ao comércio e ao turismo na cidade. Destarte, quando olhamos para as práticas

samaumeiras (*Ceiba pentandra*), no contexto da Praça D. Pedro II o que observamos pode ser entendido como um tipo de “empoleiramento comunitário”, mas não se resume a isto, pois a noção de *comunal roosting* não gira apenas em torno de nidificação coletiva, o que fica claro a partir de argumentos de ornitólogos como Novaes e Cintra (2013), por exemplo.

compartilhadas por humanos e não-humanos, buscamos ainda seguir os jogos relacionais concernentes às proximidades e aos distanciamentos, à medida que traçam e efetuam zonas de contato em meio às afecções vivenciadas pela possibilidade de compartilhamento dos espaços, onde natureza e cultura se entrelaçam na cidade de Belém.

2 – Do sobrevoos das aves aos jogos de proximidade e de distanciamento com os humanos

A garça-branca-grande, com seu pescoço e pernas longas, mede aproximadamente noventa centímetros e pode pesar até um quilo e quinhentas gramas. Seus dedos e pernas são pretos e o bico é amarelado, assim como a íris ocular. Já o urubu-de-cabeça-preta é caracterizado como uma ave de grande porte, pesando de um quilograma e meio a dois quilogramas. Suas narinas são vazadas, o bico é robusto e apresenta a cabeça e o pescoço desprovidos de penas. É conhecida por ser uma ave necrófaga, possuidora de acentuado desenvolvimento de seus aspectos cognitivos relativos ao olfato e à visão, sendo ambos de importante usufruto na busca por carcaças e outros detritos orgânicos (Mcshea et al., 2000).

Tratamos aqui, em especial, destas aves – urubus e garças – que sobrevoam os espaços onde as pessoas deambulam e, assim, têm sua presença integrada às relações complexas nas paisagens. A existência desses animais enquanto componentes do espaço apresentam desdobramentos ecossistêmicos e proxêmicos (Hall, 1981) nas paisagens da Pedra do Peixe, que serão retomados adiante, indicando a dinâmica da “natureza” nos seus entrelaçamentos na constituição inventiva da “cultura” com coletivos humanos, nos termos de Roy Wagner (1981), na medida em que os agentes reinventam e atualizam tais entrelaçamentos por meio de suas práticas e de suas relações cotidianas no lugar, convencionando seus encontros diários nas transformações na/da¹⁰ paisagem, tais como as transformações constantes dos fluxos de poluição (lixo), o que de forma indireta implica a motivação de contatos e de misturas entre humanos e a avifauna no contexto de Belém (PA).

¹⁰Ressaltamos a tensão na/da paisagem como uma derivação da tensão entre na/da cidade, indicando, assim, as complexas relações entre uma antropologia na cidade e uma antropologia da cidade, o que indica caminhos distintos de reflexão sobre a cidade, conseqüentemente, sobre a paisagem urbana, para tanto ver os estudos de Perlongher (2008), Rocha e Eckert (2005), Velho (1994).

A malha urbana, cujas tessituras envolvem humanos e não-humanos, estaria acoplada a própria vivência humana em consonância com as dinâmicas ecológicas fluidas, que nas palavras de Félix Guattari (1989) reportam às (re)configurações de uma “cidade subjetiva” – no sentido de considerar as diversas “formas sensíveis da vida social” (Sansot, 1986), neste caso, ampliando-as às socialidades interespecíficas, portanto, para além do humano - à subjetividade humana em suas relações de exterioridade (social, animal, vegetal, cósmica, entre outras), aliadas às problemáticas ético-políticas com outrem, e associadas aos dilemas de um urbanismo que teria pretensões de modernização. Nesses termos, uma *ecosofia* (Guattari, 1989) nos colocaria os dilemas em torno de reagregarmos as três ecologias (social, ambiental e mental) a favor da cidade, considerando as subjetividades inerentes aos seus “lugares praticados” e de pertença socioambiental.

A partir de uma etnografia de rua (Rocha & Eckert, 2003), exercitamos caminhadas pelas calçadas com uma intencionalidade etnográfica que tece nosso percurso; traçamos caminhos onde as narrativas sobre o lugar emergem e são criadas ao longo das paisagens: da Estação das Docas ao Complexo do Ver-o-Peso,

bem como de suas cercanias (Museu de Arte Sacra/Museu de Imagem e do Som até a Igreja de Santo Alexandre), buscando experimentar a cidade em sua multiplicidade de sentidos, e seguindo, deste modo, a ritmicidade dos movimentos e das interações envolvidas no cotidiano dos trabalhadores e dos passantes junto a ambas as espécies da avifauna urbana amazônica. Através de tal experimentação, buscamos compreender as relações que se estabelecem entre os agentes humanos e não-humanos praticantes destes espaços, mediante a “flutuação”/derivados pesquisadores pelas paisagens – no sentido de realizarmos deambulações pelo espaço urbano, por seus conjuntos paisagísticos – quando intentamos descrever os fenômenos que nelas ocorrem (Péttonet, 1982). A partir daí, buscamos retomar a fluidez do espaço e os engajamentos de dimensões sensoriais e afetivas (Furlan, 1995; Favret-Saada, 1990) vividos nas paisagens citadinas – envolvendo odores de organismos putrefatos e aromas de peixes sendo tratados, imagens de trabalhadores alimentando aves, o verde fino das ervas e as frutas coloridas, entre outros aspectos que implicam certa atenção aos sentidos – bem como as imagens de natureza e de cultura emergentes nos contatos e nas

misturas de corpos e de coisas dispersas e/ou relacionadas nos espaços.

Portanto, lançamo-nos em uma *observation flottante* (Pétonnet, 1982) na tentativa de seguir os distintos ritmos da vida humana e não-humana entrelaçadas naqueles lugares, sem nos fixarmos em um “endereço” (demarcação de “objeto”) para considerarmos as condições de criação de tais emaranhados e suas complexas conexões com outros agentes nos espaços citadinos. Outro exercício imanente seria a deriva (Debord, 1958) na qual o deixar levar-se dos pesquisadores ocorreria na tentativa de seguir os acontecimentos, neste caso, encontros de humanos e animais¹¹, e suas relações com outras variáveis próprias à improvisação em que se constituía convivialidade¹² dos agentes e

¹¹Para a abordagem deste artigo, parece-nos um falso problema a ideia de distinção entre humanos e animais, até mesmo porque partimos do princípio de que o humano é um animal *symbolicus*, ou se preferirem um animal da cultura – o que, se não o torna melhor, pelo menos o distingue de outros animais. Tal dilema coloca o problema maussiano (1974) do “fato social total” para a questão do humano, enquanto um ser que manifesta a complexidade de entrelaçamentos biopsicossociais, portanto, a animalidade aqui não é a do outro, mas a nossa com a diferença não-humana. O que fazemos é ressaltar certa diferença inerente a relação que está longe de ser uma forma de antropomorfismo per se.

¹²A noção de convivialidade é distinta daquela perspectiva que remete à convivência. Aqui, seguimos as provocações de Ivan Illich (1973), que

suas dimensões sociais no contexto de uma fluida ecologia urbana.

Sendo assim, das calçadas das Docas caminhamos costumeiramente à Pedra do Peixe, inicialmente avistando as aves alçando voos das árvores e, a partir daí, sobrevoando os trabalhadores e passantes que agenciam relações e práticas no local. Por volta das seis horas da manhã – mas, não raro, um pouco antes – os urubus e as garças começam a sua movimentação em torno da Pedra do Peixe, ainda bastante frequentada devido à feira que se estabelece ali desde a madrugada. Os trabalhadores exercitam as suas atividades, de limpar e de tratar os peixes, em um local de intenso comércio. Nota-se que a maior concentração de trabalhadores se dá no horário da chegada das mercadorias, duas horas da madrugada, e segue até as seis e meia da manhã. Depois, o comércio de peixes diminui drasticamente na Pedra, restando pouquíssimas pessoas que permanecem, porém, em plena negociação.

Durante a intensa movimentação do comércio de pescado, os homens descartam os resíduos ora nos contêineres de lixo, ora no próprio rio, obedecendo

pensa o convivial como forma política e sensível de repensar os laços de relações dos humanos entre si, e deles com os demais seres vivos. As reflexões do autor se estendem à educação e à cidade, por exemplo, o que remete a reflexões sobre cidadania.

aparentemente a critérios de tamanho, de partes não comercializáveis do animal ou de carcaças. Alguns homens vasculham os contêineres buscando pedaços de peixes descartados - porém, ainda aproveitáveis - levando-os embora em sacolas desgastadas. As aves, por sua vez, descem a escadaria da Pedra e disputam o que a maré, em baixa, oferece aos seus bicos, contribuindo significativamente para o saneamento local.

Nos espaços em que os trabalhadores evisceram os peixes - que, notamos, distribuem-se sistematicamente, denunciando, assim, uma espécie de territorialidade na labuta - há amontoados de “não-humanos orgânicos” (Jones e Cloke, 2008), sejam eles de origem animal ou vegetal, indicando uma significativa problemática ambiental, a produção de lixo urbano e sua destinação: a dispersão pela Baía e pelo chão, e a proliferação de animais como ratos, moscas e baratas - todos vetores de zoonoses.

Das águas do rio Guamá até a Baía do Guajará, escorre quantidade significativa de lixo, atraindo os bandos de urubus que fazem parte das paisagens do rio. Sendo uma ave necrófaga, o comensalismo do urubu se entrelaça à eliminação de uma porção de detritos orgânicos, uma vez que investem boa

parte de seu tempo na catação de tais recursos energéticos. Todavia, faz-se necessário relativizar esta imagem, pois o gari Charles, responsável pela limpeza no Complexo do Ver-o-Peso, destaca a larga importância dos peixes na nutrição animal: “Agora, esse papo de que só comem coisa podre, coisa estragada! Comê, come, mas, aqui, a comida dos urubus, no Ver-O-Peso, é boa! Aqui, os peixes são bons!” (informação verbal)

Tal comensalismo é compartilhado, em menor escala, com as garças, principalmente ao baixar da maré, na área próxima às escadarias da Pedra do Peixe e de seus barcos ancorados. Nessas ocasiões não são apenas os urubus que perambulam pela areia: defrontamo-nos com pessoas surgindo, de repente, das escadarias que dão acesso ao patamar da Pedra. Elas descem por motivos diversos: algumas para fazer reparos nos barcos, outras catam objetos na areia entre os urubus, chegando até mesmo a penetrar, em certas ocasiões, na escuridão de vãos e canais que se abrem nas laterais da Pedra do Peixe. Também descem tanto para urinar quanto para lavar os pés ou as mãos na água do rio, geralmente repleta de lixo e restos de animais.

As noções de limpo e de sujo (DOUGLAS, 1976) naquele espaço são bastante complexas e merecem maior

atenção: durante a madrugada, enquanto acompanhávamos a dinâmica da feira, a alguns metros de distância de um rato que flutuava no rio, morto e inchado, uma mulher lavava os pés; em outra ocasião, um homem que subia uma escadinha lateral em direção ao patamar, no ímpeto de enxugar as mãos, apanhou um papelão que jazia no solo, rasgou um pedaço, enxugou as mãos, lançando-o em direção ao rio. Na mesma água em que se lavam, arremessam seus resíduos, orgânicos ou não, e exercem suas necessidades fisiológicas, contribuindo para que haja a proliferação de agentes patogênicos, bactérias e animais como baratas e ratos.

Enquanto a movimentação no lugar é alta, as aves não ousam se aproximar. Elas aguardam, à espreita, aproveitando-se de áreas nas quais a presença humana é reduzida. Os feirantes as alimentam, não raro atiram pedaços de carne e divertem-se com suas disputas e brigas pelo naco lançado. Quando o fluxo de frequência humana diminui, a partir das sete da manhã, as aves pousam na Pedra do Peixe e andam livremente – constituindo, assim, elas mesmas, parcela significativa do movimento no local. As aves deambulam e disputam entre si os pedaços de carne, peles e ossos espalhados pelo chão. Por volta das oito horas, os garis começam a limpeza de uma ponta da

Pedra à outra com uma mangueira de água. Conversando novamente com Charles, ele nos informou sobre o itinerário do carro do lixo e suas limpezas no Complexo:

– Vocês vêm aqui todos os dias para realizar a limpeza?

– É, todo dia tem que lavar aqui. Menos aos dias de domingo. Dia de domingo aqui não trabalham com peixe. Ele [carro do lixo] passa de manhã duas vezes, a tarde duas vezes e à noite. A limpeza não para, é direta! (informação verbal).

Durante o processo da limpeza são empregados jatos de água, pois segundo Charles, a água retira o cheiro do peixe. Porém, não sabemos afirmarmos que medida as águas que lavam o chão transportam bactérias e alguns resíduos que desembocam nas águas da baía. Os urubus respondem descendo até a praia que se forma com a baixa da maré. Outros, porém, permanecem onde estão e aproveitam os descuidos dos garis para saquear os caixotes nos quais o lixo é acumulado, à espera do caminhão, ou mesmo as lixeiras.

Já as garças-brancas-grandes pousam nos arredores do Mercado do Peixe, caminhando pela Pedra, bem como pelos barcos ali ancorados. Elas pousam

em cima dos mesmos sem busca de alimentos – em especial peixes frescos, que são tratados e comercializados pelos trabalhadores de plantão. Para Anderson, vendedor de peixe: “Quando dá o urubu aqui (Mercado do Peixe), é quando eles jogam peixe fora do lixo. Quase não dá aqui, é muito pouco. Porque fica limpo aqui e elas ficam comendo quando jogam”. Sob tal perspectiva, fica nítido que as garças predominam nesta porção do Complexo do Ver-o-Peso, já que o peixe é seu principal alimento, ao passo que os urubus permanecem associados à dispersão de lixo, sujeira e poluição na paisagem local.

Quando pousam no chão em frente às bancas de peixe, as garças mantêm um distanciamento em relação aos humanos, preferindo a observação e as trocas de olhares que se seguem à espera do lançamento de algum pedaço de peixe. Os trabalhadores continuam sua labuta desferindo cortes nos peixes e lançando às aves porções. Alguns pedaços caem nas águas, ao lado de camarões e outros pequenos crustáceos que servem de alimento para as garças e os urubus que forrageiam por ali.

As relações da avifauna na Pedra do Peixe entre si e com os humanos se dão, sobretudo, a partir dos jogos relativos à proximidade e ao distanciamento,

portanto, a partir das relações de proxemia (Hall, 1981), nas quais as garças mantêm uma proximidade intraespecífica com outros indivíduos da mesma espécie, obedecendo a uma hierarquia singular de grupo – envolvendo disputas e jogos de forças –, ao mesmo tempo em que distam os urubus da frente das barracas de peixe na Pedra, sobretudo através de disputas ecológicas quanto ao alimento. Por isso, a territorialidade das garças junto aos vendedores de peixe é afirmada em detrimento dos urubus, pois: “[...] o urubu não pode com ela. Esse bico dela, afiado! Se eles forem pra cima levam cada bicada”, disse André, um vendedor de peixe no local (informação verbal). O afastamento e a fuga das aves normalmente ocorrem devido a movimentos bruscos ou ruídos de pessoas, como é o caso de alguns barulhos no descarregamento de produtos, ou devido à presença de um animal como um cachorro. As aves espreitam o cão como um possível predador e, abrindo as asas com penas eriçadas, deslocam-se a passos rápidos até alçarem voo em retirada.

No que se refere à relação de distância mantida com os peixeiros, notamos que as garças permanecem preferencialmente em frente às barracas, distando normalmente entre um metro e meio a dois metros dos trabalhadores. Por

vezes, quando algum peixeiro se afasta, ou atira um pedaço de peixe a curta distância de sua barraca, percebe-se que tais limiares são deslocados com a proximidade das aves tentando capturar o alimento. A visão da ave, como já foi observada antes, parece se direcionar ao trabalhador com o facão, diante de sua atividade de corte e de lançamento, bem como para os outros humanos que circulam próximo, configurando, assim, coordenadas de atenção que definem o distanciamento.

Certo dia, conversando com dois peixeiros sobre as aves que pousavam nos barcos, eles comentaram o seguinte:

Maicon: É muito, é muito mesmo (referindo-se aos urubus). Pra lá, pra cá. Aqui eles tiram a alimentação deles e ninguém faz mal nenhum. Olha! Elas (garças) sentem. Entra lá (barco ancorado) e deixa o peixe lá, em cima da pia. Ela (garça) vai e rouba!

Entrevistador: Ela rouba o peixe de cima da pia?

Maicon: Ela vai por lá, chega e puxa. Camarão a gente deixa lá.

Anderson: Ela vai e busca. Se deixar come aos quilos. Até uma pescada dessa graúda. (informação verbal)

Os próprios vendedores de peixe mantêm certo distanciamento dos animais, o que está associado à vigilância sobre os peixes em suas bancas. Os trabalhadores dos barcos agem da mesma forma, visto que as aves pousam nas embarcações. Notamos que, em seus gestos de lançamento de pedaços ou carcaças de peixes, ocorrem trocas de olhares que articulam percepções de si e do outro, e perspectivas limítrofes que indicam um limiar de fluidez da socialidade em jogo. Ainda que a beleza das aves seja atrativa, percebe-se que há uma distância crítica em relação aos humanos. No caso da compra de peixes, por exemplo, uma proximidade excessiva da ave dificultaria a própria presença dos clientes e a circulação do peixe enquanto mercadoria.

Diante do compartilhamento de experiências multissensoriais nos ambientes da Pedra do Peixe - ligadas à própria extensão do calçamento e a consequente distribuição das bancas e dos carrinhos dos trabalhadores, substituídos mais tarde pela deambulação de transeuntes; à presença dos automóveis estacionados ou em movimento; à escadaria que alcança a zona oscilante da maré onde as embarcações atracadas permanecem o tempo necessário da labuta - percebemos que tais elementos das

paisagens urbanas envolvem agenciamentos que tomam assento nos lugares envolvendo coisas, humanos e animais (peixes, camarões, garças e urubus, entre outros). As dinâmicas eco-antropológicas experimentadas na Pedra do Peixe colocam em relação humanos e grandes aves no espaço urbano a partir da rítmica das águas da baía.

São as águas que, de certa forma, agenciam as interações dos humanos com os não-humanos. As águas propiciam o meio de ligação entre as pessoas, cuja labuta liga-se ao elemento e aos seus seres, e a partir daí à avifauna de vida livre que, ao se associar aos espaços altamente humanizados, encontra a oferta abundante de alimentos, sejam eles resíduos da pesca, consumidos vorazmente no período que dura a feira, ou mesmo a significativa produção de lixo orgânico mal acondicionado, não raro descartado com descaso pela população frequentadora do local.

A antropologia que realizamos, neste caso, necessita de uma abordagem ecossistêmica que tome o urbano como *loci* de interações entre diferenças, sejam elas humanas e/ou animais. Ou ainda, é preciso uma perspectiva que considere as interações ecológicas citadinas e suas feições a partir de uma multiplicidade de agentes ecológicos vinculados aos efeitos

de seus engajamentos: humanos, animais e outros seres vivos, que emergem das tensões presentes no espaço de um porto-feira-espaço de trabalho/deambulação ligado a uma malha urbana, onde as variações do cenário e dos seus figurantes são intensas, alternando as suas características ao longo do dia, o que torna o local um espaço de heterogeneidade humanimal permeado por sazonalidades próprias às dinâmicas urbanas.

As garças imprimem sua presença no lugar praticado de maneira qualitativa na paisagem, especialmente através dos seus próprios atos de construir laços paradoxais com os humanos envolvendo distanciamentos e proximidades. Tais relações de proxemia (Hall, 1981), estabelecidas entre os humanos e as aves, caracterizam-se por negociações indiretas, à distância, a partir do que, ao longo do tempo, um ente aprende com o comportamento do outro, na efetuação de agenciamentos fluvioterritoriais que regulam a cíclica de matéria e de energia, configurando paisagens a partir de um mutualismo relacionado à limpeza e ao saneamento, que de modo complexo, indica traços e alianças em torno de problemas relacionados à conservação da biodiversidade, assim como da produção de lixo urbano.

3 – Communal roosting e socialidades interespecíficas outras

As caminhadas para o exercício etnográfico se estendem até a Praça do Relógio, onde alguns urubus sobrevoam o monumento central, o antigo Relógio de Mármore, e forrageiam por ali, consumindo pedaços de peixe e carne, catados por entre o lixo, na medida em que descem e andam - pelo gramado. Seguindo até a Praça D. Pedro II, observamos as aves no alto das copas das árvores em suas atividades de voar e pousar, compondo o cenário e o cotidiano do lugar. Vários passantes alimentam diariamente as aves com pedaços de pão, frutas, entre outros produtos.

Em meio à praça, avistam-se os rastros dos animais através da presença de penas dispersas pelo caminho, pelos bancos e gramado. No entanto, suas excretas são mais evidentes e estão espalhadas em abundância, expressando uma marca da territorialidade humanimal, visto que a utilização dos espaços se desenvolve junto à manutenção da área verde urbana em suas interações rotineiras de forrageamento na Praça e nos arredores, atividades possibilitadas pela posição da flora de grandes árvores da região amazônica.

À noite, após a longa dedicação à busca de alimentos, as aves pernoitam nas copas das árvores localizadas na Praça Dom Pedro II. Tais emaranhados entre animais e árvores indicam a formação de *comunal roosting* (Beauchamp, 1999; Cintra e Novaes, 2013) em que ambas as espécies de aves coexistem, dormindo próximas umas às outras, ou seja, compartilhando espaços nos fragmentos florestais. Além disso, as informações ecológicas (Beauchamp, 1999) disponíveis à avifauna urbana ampliam as perspectivas indiciando as motivações que implicam a seleção de tal lugar e seus desdobramentos no compartilhamento de sentidos, interesses e afecções construídas em conjunto com os humanos. O que neste caso torna-se evidente é que tais *roostings* não necessariamente se constituem em lugares com baixa movimentação de atividades humanas (Cintra e Novaes, 2013), pois estas são, inclusive, fundamentais para esses agenciamentos.

A funcionalidade e a efetividade na obtenção de recursos alimentares em tal contexto amplamente relacional indicam outras socialidades que se dão na intensa rítmica cotidiana da cidade. Vários feirantes e passantes alimentam as aves, de forma que há um forrageio envolvendo ambos os coletivos. As aves, sobretudo os urubus, formam os *roosts* devido ao fácil

acesso à fonte de alimento (Coleman e Fraser, 1989), como os amontoados de lixo orgânico na Pedra do Peixe, extravasando os limites dos contêineres de lixo, ou aproveitando o lixo disperso pelo chão do Mercado e na baía. Já as garças, que também se alimentam de lixo, recebem em maior quantidade os pedaços de peixe dos vendedores no mercado e forrageiam, assim, como os urubus, na baía, os alimentos acessíveis, como peixes e camarões.

Os humanos junto às aves agenciam e inventam um mutualismo que além de produzir formas estéticas próprias ao local, apresenta certa funcionalidade, a partir dos benefícios mútuos que perpassam, por exemplo, aspectos como a limpeza das paisagens locais e a diminuição dos riscos de transmissões de doenças. Relações ecológicas das aves com outros animais citados incluem o baixo risco de predação, o que contribui significativamente para a duração e densidade populacional das espécies em questão (Cintra e Novaes, 2013).

A altura das árvores da praça D. Pedro II e dos casarões antigos situados ao redor do Mercado propiciam maior facilidade quanto à atividade de alçarem voo, em especial pela manhã, entre cinco e seis horas, quando partem em busca de alimentação. A flora entraria em

agenciamento com as aves mediante relacionamentos multiespécies, a partir das quais, junto aos humanos, compartilhariam afetos e contatos, colocando para funcionar uma ecologia sistêmica da paisagem urbana, constituindo zonas de contato de naturezaculturas (Haraway, 2008). Segundo a autora:

Uma perspectiva de "contato" enfatiza como os sujeitos são constituídos em e por suas relações uns com os outros. Trata-se de relações em termos de co-presença, interação, entendimentos e práticas interligadas, muitas vezes dentro de relações de poder radicalmente assimétricas.(HARAWAY, 2008, p. 216)¹³.

Tal emaranhado é marcado pela densidade própria à presença das aves e à coexistência com os demais entes ao longo das paisagens. Portanto, as relações que ali ocorrem indicam benefícios para as aves, uma vez que além do "dormitório" ser estratégico no que se refere à prática do voo, a proximidade da baía e a sua grande quantidade de água possibilitam que as aves tomem banho, o que gera consequências diretas na regulação da sua temperatura corporal, podendo servir, ainda, para impedir acúmulo de ácido úrico que se forma durante a urohidrose (Sazima, 2007, 2011; Sick, 1997),

¹³Tradução dos autores.

mecanismo mais comum de termorregulação em urubus. No caso dos urubus, tomar banho e beber a água poluída da baía pode estar relacionado à capacidade dessas aves de neutralizarem toxinas de alimentos em decomposição. Os humanos, por sua vez, beneficiam-se da presença das aves¹⁴, pois os resíduos orgânicos que dispersam, poluindo o meio, servem de alimento a elas.

Os nossos (des)caminhos, por sua vez, continuam até o Museu de Arte Sacra e o Museu de Imagem e Som. Seguindo o voo das aves sobre os Museus, adentramos em direção ao espaço ao ar livre, onde ficam as árvores e as aves, e conversamos com José Antônio, o senhor responsável pela manutenção da arquitetura do Museu. Ele nos falou que as aves costumeiramente usam a copa das árvores para pernoitarem. Neste cenário, os urubus são a grande maioria, não havendo recorrentes registros de garças. As garças ficam nas proximidades, quase ao lado, no gramado, junto às árvores e nos

¹⁴Outra espécie de ave presente e abundante na paisagem, também relacionada à presença excessiva de lixo, na praça D. Pedro II e no Mercado, é a pomba doméstica (*Columba livia*). Porém, na medida em que dezenas descem todos os dias para forragear restos de alimentos no mercado e nas Praças, produzem dejetos que são vetores de agentes patogênicos potencialmente transmissores de doenças (Kahn et al, 2012) para os humanos.

monumentos do Forte do Castelo, atraindo boa parte dos visitantes, quiçá de turistas, que diante de sua presença captam imagens da “natureza” urbana, movidos pela insaciedade do olhar fotográfico (Urry, 2002).

Uma significativa quantidade de urubus que pernoitam nas árvores do Museu sobrevoa o lugar e dispersa o lixo, não raro distribuído em locais inadequados, fazendo com que o odor de resíduos rescenda pelas espacialidades do Museu e “incomode”, como afirmaram, “os visitantes e os trabalhadores”, principalmente nos dias mais agitados (informação verbal). Outro aspecto relevante seria o de que as aves usariam comumente os telhados como planos de apoio para seu voo, o que sucederia “[...] o afastamento das telhas e em alguns casos sua queda e quebra”. Tal telhado possui relevância histórica, “[...] uma vez que o telhado provém de Portugal, sendo inviável sua troca.”, segundo José Antônio (informação verbal).

As motivações que indicam a tessitura das territorialidades das aves, a partir das socialidades interespecíficas e jogos proxêmicos com outras espécies, problematizam não apenas seu acesso aos recursos, mas apontam para a comunicação dos fluxos de relações ecológicas que movimentam e delinham

as paisagens, como os aspectos da urbanização e suas dimensões ético-políticas no cuidado e na conservação da biodiversidade.

4 – A guisa de conclusão

As dinâmicas das paisagens do Ver-o-Peso evocam as relações interespecíficas entre humanos e a avifauna urbana, situadas no emaranhado de vínculos ecológicos entre as espécies coexistentes nos lugares, durante sua convivialidade e compartilhamento de espacialidades na urbe amazônica. Dia-a-dia, as aves exercem suas atividades adjacentes às humanas, buscam a maior parte de sua alimentação através de interações que implicam socialidades com os humanos, na medida em que constituem interdependência com os mesmos, compartilhando, por vezes, os sentidos do comensalismo: o peixe é ao mesmo tempo comida de gente para ser comercializada e comida das aves, sendo lançado à distância, ou obtidos nos lugares em que é manejado, ou seja, nas bancas e nos barcos.

As experiências envolvendo aves e humanos nas paisagens belenenses indicam a existência de um mutualismo de limpeza, em que a produção e a

dispersão do lixo urbano é realizada pelos trabalhadores e passantes diariamente. Nesta dinâmica, o lixo orgânico se torna elemento fundamental para a permanência da avifauna urbana nos lugares praticados pelos coletivos humanos, quando os resíduos se tornam fonte de comensalismo para as aves. O benefício mútuo em tais relações seria o desdobramento de certas práticas e de atitudes voltadas à fauna silvestre na urbe, impactando em suas frequências e nos seus ritmos diários no contexto citadino.

Para as aves, as variações em torno dos distanciamentos em relação aos coletivos humanos, associados a outras variáveis, são fundamentais para a configuração dos *communal roostings*, alcançando escalas que envolvem a distância relativa da flora em relação aos lugares onde se distribuem os alimentos, a proteção e o voo facilitado pela flora e o acesso às águas da baía do Guajará, bem como outros aspectos discutidos que (re)situam a complexidade ecológica das paisagens na cidade de Belém, lançando novas problemáticas quanto à conservação da biodiversidade em um meio urbano.

FLÁVIO LEONEL ABREU DA SILVEIRA

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). É professor Associado II da Universidade Federal do Pará (UFPA) e docente dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia/PPGSA e Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia/PPGLS. Atua nos campos da Antropologia da Paisagem, com ênfase nas discussões sobre Cidade, Memória, Imaginário, Patrimônio e Ruína. Atualmente dedica-se ao estudo das relações entre

MATHEUS HENRIQUE PEREIRA DA SILVA

Graduando em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC/CNPQ atrelado ao Projeto de Pesquisa do Professor Dr. Flávio da Silveira, “Etnografia das Interações Humanas e Não-Humanas em Diferentes Espaços Praticados de Belém do Pará: o caso dos *communal roosting* de três espécies da avifauna amazônica no mundo urbano contemporâneo como formas sociais interespecíficas”.

RAPHAEL SANTOS DAS MERCÊS

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq), desenvolvendo plano de trabalho na área de Antropologia Urbana, com enfoque no estudo das interações humanas e não-humanas na cidade, mais especificamente no Complexo do Ver-o-Peso (PA), atrelado ao Projeto de Pesquisa do Professor Doutor Flávio Leonel Abreu da Silveira, “Etnografia das Interações Humanas e Não-Humanas em Diferentes Espaços Praticados de Belém do Pará: o caso dos *communal roosting* de três espécies da avifauna amazônica no mundo

Bibliografia

Beauchamp, Guy (1999), “The evolution of communal roosting in birds: origin and secondary losses”. *Behavioral Ecology*, V. 10, N.6, pp. 675-687.

Coleman, John S. & James D. Fraser(1989), “Habitat use and home ranges of Black and Turkey Vultures”, *Journal of Wildlife Management*, V. 53, N.3, pp. 782-792.

Debord, Guy (1958), “Théorie de La derive”. *International Situationniste*, N.2, Paris.

De Certeau, Michel (1998), *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Vozes.

Douglas, Mary (1976), *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

Favret-Saada, Jeanne (1990), “Être Affecté”. *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, N. 8, pp. 3-9.

Furlan, Stélio (1995), “A errância investigante do cronista”. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, N. 3, pp. 143-149.

Guattari, Félix (1989), *Les trois ecologies*. Paris: Éditions Galilée.

Hall, Edward (1977), *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves.

Haraway, Donna J. (2008), *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Illich, Ivan (1973), *A convivencialidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973

Jones, Owain; Cloke (2008), “Paul. Non-human agencies: trees in place and time”. In: Knappett, C.; Malafouris, L. (Eds.). *Material Agency. Towards a non-anthropocentric approach*. Springer: New York, pp.79-96.

Kahn, R.E.; Morozov, H.; Feldman, H.; Richt, J.A. (2012); 6th International Conference on Emerging Zoonoses. *Zoonoses Public Health*; v. 59, n.2, pp. 2-31.

Leitão, Wilma; Rodrigues, Carmen. O Mercado do Ver-o-Peso – Belém. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências sociais, Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Lima, Maria Dorotéia de. Ver-o-Peso, patrimônios(s) e práticas sociais. Uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará. Dissertação de Mestrado, PPGCS/UFPA, 2008.

Mauss, Marcel (1974), *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974. vs. 1, 2.

McShea, William J., Reese, Elizabeth G., Small, Thomas W., Weldon, Paul J (2000), “An experiment on the ability of free-ranging turkey vultures (*Cathartes aura*) to locate carrion by chemical cues”. *Chemoecology*, V. 10, pp. 49-50.

Novaes, Walter; Cintra, Renato (2013), “Factors influencing the selection of communal roost sites by the Black Vulture *Coragyps atratus* (Aves: Cathartidae) in an urban area in Central Amazon”. *Zoologia*, Curitiba, V.30, N.6, pp. 607–614.

Perlongher, Néstor (2008), *O negócio do michê*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.

Pétonnet, Colette (1982), “L’Observation flottante. L’exemple d’un cimetiere parisien”. *L’homme*. V.22, N. 4, pp. 37-47.

Rocha, Ana Luiza C.; Eckert, Cornelia (2003), “Etnografia de rua: Estudo de antropologia urbana”. *Iluminuras*, Porto Alegre, V.4, N.7, pp. 1-22.

Rocha, Ana L. C. da e Eckert, Cornelia (2005), *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

**Voando baixo sobre humanos:
Garcês e urubus na Pedra do Peixe,
No Ver-o- Peso (PA)
Flávio Leonel Abreu da Silveira
Matheus Henrique Pereira da Silva
Raphael Santos das Mercês**



Sazima, Ivan (2011), “Black Vulture (*Coragyps atratus*): bath and drink”. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v.19, n.1, pp. 81-84.

Sazima, Ivan (2007), “From carrion-eaters to bathers’ bags plunderers: how Black Vultures (*Coragyps atratus*) could have found that plastic bags may contain food”. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v.15, n.4, pp. 617-620.

Sansot, Pierre (1986), *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris : PUF.

Sick, Helmut (1997), *Ornitologia Brasileira*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.

Simmel, George (1983), *Sociologia*. In: Moraes Filho (Org.), São Paulo, Ática.

Urry, John (2002), *The tourist gaze* (2ª ed.). London: Sage.

Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Wagner, Roy (1981), *The Invention of Culture* (2ª ed.). Chicago: University of Chicago Press.